



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

MARIA PATRÍCIA NOGUEIRA TIMÓTEO

**LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

CAJAZEIRAS - PB

2009

MARIA PATRÍCIA NOGUEIRA TIMÓTEO

**LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2009



T5851 Timóteo, Maria Patrícia Nogueira.
Leitura nos anos iniciais do ensino fundamental / Maria Patrícia Nogueira Timóteo. - Cajazeiras, 2009.
46f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Leitura. 2. Tecnicismo. 3. Leitura- processo de aprendizagem. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

MARIA PATRÍCIA NOGUEIRA TIMÓTEO

LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada em: 20, Fevereiro de 2009.

Maria Janete de Lima

(Orientadora – Profª. Ms. Maria Janete de Lima)

CAJAZEIRAS/PB
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL

“Quanto melhor é adquirir a sabedoria do que o ouro! E quando mais excelente, adquirir a prudência do que a prata!” (Provérbios 16: 19)

RESUMO

A leitura vem sendo motivo de discussão e reflexão por vários autores e professores na tentativa de superar as dificuldades no processo da leitura. É importante trabalhar esse tema na escola a fim de proporcionar discussões, sobre o tema abordado que é a leitura nos anos iniciais do ensino fundamental com o intuito de controlar as dificuldades referentes ao processo de aprendizagem dos alunos, a fim de conhecê-lo melhor e desenvolver propostas que apresentem novos métodos e técnicas que possibilitem um trabalho com mais motivação e eficiência. A leitura é um componente dinâmico vinculado a um contexto social que não deve ser reduzido ao tecnicismo. É notório ressaltar que a leitura deve ocupar lugar de destaque na escola e assim desenvolver o pensamento crítico, para formação de leitores com uma visão abrangente do mundo a qual estamos inseridos.

Palavras - chave: Leitura, dificuldade; tecnicismo; contexto; escola.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I – Leitura no contexto social	10
1.1 A importância da leitura	13
1.2 O que é ler?	16
1.3 Tipos de leitura	17
1.4 Concepções sobre leitura	18
CAPÍTULO II – Leitura na escola: uma análise	22
2.1 A leitura como essência no âmbito escolar	27
2.2 Como acontece a leitura na escola?	28
2.3 O papel do professor na escola	30
CAPÍTULO III - Percurso Metodológico e Análise dos Dados	31
3.1 Metodologia da pesquisa: estudo de caso	31
3.2 Caracterização da Escola	33
3.3 Análise dos dados dos questionários da pesquisa	34
3.4 Análise dos dados dos questionários dos alunos	35
3.5 Análise dos dados dos questionários dos professores	38
3.6 Análise dos dados dos questionários do gestor	40
3.7 Análise do estágio	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

A leitura vem sendo motivo de discussão e reflexão e reflexão por vários autores e professores na tentativa de superar as dificuldades no processo da leitura. A aprendizagem da leitura baseava-se em decorar o alfabeto depois soletrar e em seguida decodificar palavras e textos, passaram os anos e ainda hoje deparamos com métodos tradicionais, mecânicos de ensinar a ler, sem nenhuma significação para compreensão real da leitura.

Esta pesquisa sobre leitura vem sendo motivo de discussão e reflexão entre os educadores. A partir das dificuldades, apontadas através de conversas com professores e estudo sobre o tema, chega-se a conclusão que há grandes dificuldades no desenvolvimento, ao processo de aprendizagem; envolvendo a leitura nos anos iniciais do ensino fundamental.

É importante trabalhar essa temática na escola a fim de propiciar discussões sobre o tema abordado com o intuito de controlar as dificuldades referentes ao processo de aprendizagem dos educando, a fim de conhecê-lo melhor e desenvolver propostas que apresente novos métodos e técnicas que possibilitem um trabalho com mais motivação e eficiência.

Esta realidade também é percebida pelos professores da escola estadual de educação infantil e ensino fundamental Francisco Cícero Sobrinho que está situada no Núcleo III - Zona rural da cidade de Sousa. Em conversa com professores eles relataram que as dificuldades da leitura ocorrem por falta de acesso das crianças à leitura e a questão sócio-econômica, em que esses alunos estão inseridos, pois os mesmos precisam ajudar a seus pais na busca de suprir suas necessidades financeiras.

Este trabalho intitulado Leitura dos anos iniciais do Ensino Fundamental tem como objetivo geral:

*analisar as principais dificuldades de aprendizagem da leitura nos anos iniciais;

Objetivos específicos:

*identificar as dificuldades da leitura;

*verificar se as técnicas de leitura aplicada em sala de aula estão de acordo com a realidade existente na escola;

*desenvolver atividades didáticas pedagógicas que facilitem a aprendizagem dos alunos no ato de ler.

O estudo será realizado acerca da leitura nos anos iniciais abordando os métodos e técnicas da verificação do aprendizado dos educando. Na qual esse estudo será utilizado na coleta de dados, observações, entrevistas e diversas fontes do assunto abordado. Nesse sentido acredita-se que esse estudo pode contribuir com o entendimento e a discussão sobre esse tema que é importante na educação e na sociedade em geral.

Os alunos precisam ter a leitura como um processo de construção ativa de sentido real e que tem real importância em toda a sociedade. A problemática gira em torno:

*leitura descontinuada e desvinculada da realidade do educando;

*falta de incentivo a leitura;

*diante dessas dificuldades coletadas precisamos buscar alternativas para possíveis soluções de problemas

Este trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo está o referencial teórico que mostra-nos a leitura no contexto social.

É notório ressaltar que a leitura é um processo ou uma prática social que permite a pessoa compreender sua razão de ler o mundo, buscando incessantemente mais conhecimentos diretamente a realidade.

A leitura é uma componente dinâmica vinculado a um contexto social que não deve ser reduzido ao tecnicismo.

No segundo capítulo retrata-nos a leitura na escola: uma análise. Neste capítulo analisamos que a leitura deve ocupar lugar de destaque na escola e assim desenvolver o pensamento crítico e a formação de leitores com uma visão abrangente do mundo como estratégia de vida.

O papel da escola é criar oportunidade de observações de livros e situações e que a leitura prevaleça como um fator importante para a comunicação do contexto escolar e social.

No terceiro capítulo enfoca o percurso metodológico e a análise dos dados o qual falamos reduzidamente o que é o estudo de caso que matos 2001 afirmam que: “o estudo do caso é uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos apresentando como limitação a impossibilidade de generalização”. (MATOS, 2001, pág. 58)

Prosseguindo fizemos a caracterização da escola quando foi fundada, por quem foi fundada, onde está situada e outros.

Na análise dos dados está as pergunta e as respostas que foram mencionadas para os alunos, professores e gestores, da referida escola. As perguntas foram subjetivas e eles responderam de acordo com o seu entendimento e conhecimento.

No quarto capítulo, atividades desenvolvidas no estágio, relatamos as atividades desenvolvidas com os professores, questionamentos e reflexões apontados pelos professores. Por fim as conclusões que chegamos ao finalizar este trabalho.

CAPÍTULO 1 – A LEITURA NO CONTEXTO SOCIAL

A temática Leitura e Escrita é muito ampla e de profundo significado, uma vez que, através da mesma permite-se uma compreensão maior dos fatos da vida. Com isso tem o papel de auxiliar de maneira fundamental na formação do indivíduo, além de ampliar seus horizontes, suas perspectivas. Nesse sentido posso afirmar que o estudo da leitura é importante para a formação do aluno num ser pensante, crítico e criativo. Todavia se pretendermos formar leitores críticos, reflexivos e ativos, faz-se necessário à realização de um trabalho que permite inserir no próprio ato de ler, um momento prazeroso e estimulante, onde o aluno sinta-se interessado a ler.

Segundo Martins (2005, p. 7), “(...) sem dúvida o ato de ler é usualmente relacionado à escrita e o leitor visto como decodificador de letras”. Através deste argumento, podemos pensar o seguinte: é necessário apenas decifrarmos palavras para que a leitura aconteça? É esta relação que deve ficar bem definida na mentalidade do aluno, pois, tanto a leitura como a escrita devem ser entendidas e praticadas de uma forma que, o que se lê esteja associado a uma postura crítica por parte do leitor, ou seja, a mera decifração de códigos não é o bastante a realização de uma leitura interpretativa.

Em suma, a leitura, percorreu um imenso e turbulento caminho até nos dias atuais. No entanto, as condições de produção de leitura, na atualidade brasileira, revestem-se, ainda, das características da fase colonial já que poucos lêem e outros não têm esse direito. As práticas de leitura ainda são, ensinadas de forma idealizadas e desraigadas no seu contexto social, econômico e político, sem qualquer avaliação crítica nem confronto com a realidade.

Sabe-se que a leitura se constitui em um processo delicado para o desenvolvimento do ensino – aprendizagem, visto que a leitura é o alvo de constantes estudos e discussões e acima de tudo, da busca freqüente dos docentes que se preocupam com o desenvolvimento da capacidade de ler, não somente como o processo de decodificação, mas a leitura de forma abrangente e significativa.

Portanto a leitura consiste na capacitação de significados, uma crescente comunicação, entre leitor e texto, precisando compreender não só o que está escrito, mas também de que forma

ela representa graficamente à linguagem. A leitura é um processo ou uma prática social que permite a pessoa compreender sua razão de ler no mundo, buscando incessantemente mais conhecimento diretamente a concretude real, seja dando vida aos registros da cultura, expressos por meios de diferentes linguagens, para que assim, a leitura possa ser um importante instrumento de luta, de conscientização e transformação das culturas sociais.

Segundo Lemle (1994:10), há observações que levam a hipotetizar que a aprendizagem da leitura se dá pela captação de um bloco não direcional e indiviso de relação entre letras, sons e sentidos, considerando que certas crianças são capazes de ler por adivinhação baseadas em interferências semânticas, pedaços de palavras e de frases. Isto acontece por que sua percepção inicial da realidade é sincrética.

Segundo Cagliari (1995. p.103), “a leitura é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala”. Neste sentido, a escrita deve ter como objeto essencial a leitura, ler é um ato lingüístico diferente da produção espontânea da fala.

Na visão de Martins (2003):

Saber ler e escrever já entre gregos e romanos significava possuir bases de uma educação adequada para a vida [...]. Pois essa educação desenvolvia, além da leitura e a escrita, as capacidades intelectuais, espirituais e aptidões físicas, através de disciplinas rígidas. (MARTINS, 2003 p. 22 – 23)

A aprendizagem da leitura baseava-se em métodos analíticos que se caracterizam, primeiro em decorar o alfabeto, depois soletrar e em seguida decodificar palavras, até se chegar a frases e textos contínuos.

Passados séculos, ainda hoje nos deparamos com esses métodos sendo utilizados por professores que não conseguiram superar essa forma mecânica de ensinar a ler, apenas decorando signos lingüísticos, sem significação nenhuma para a compreensão real do que seja ler. Isto demonstra que mesmo com inovações de métodos, a pedagogia é a mesma. Como nos afirma Martins (2003, p: 23) “[...] do aprender, por aprender, sem se colocar o porquê como e para que, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura o seu papel na vida do individuo e da sociedade”.

Neste sentido, sabe-se que nenhuma metodologia de alfabetização por si só, seja avançada ou não, forma leitores efetivos. Na realidade as pessoas após serem alfabetizadas, tendem a

tornar-se leitores pragmáticos. Aqueles leitores que apenas atingiram a decodificação dos signos lingüísticos, que conseqüentemente não se assemelham aos leitores efetivos, que sabem ler nas entrelinhas compreendendo o que leu.

Percebemos que a leitura adquire uma função política e econômica, servindo de instrumento para progredir na vida. É sabido que a instrução escolar, contribuía para a perpetuação e reprodução dessa função, através da transmissão da linguagem utilizada pelos professores, pelos textos dos livros didáticos que na maioria das vezes não condiz com a realidade da criança pertencente à classe popular:

Tomando a situação ainda mais agravante, como nos afirma Martins (2003, p: 25) “[...] a escola está limitada, com a utilização preponente dos chamados livros didáticos”. Que muitas vezes tornam-se o único recurso de leitura impressa que os alunos têm acesso, recursos esse que não possui textos atraídos, que desperte o interesse dos indivíduos pela leitura e oportunize formar leitores críticos.

Neste sentido, ancorados no que diz Martins, os professores falam “em crise da leitura”, que na realidade brasileira, essa crise não se dá apenas pela falta de leitores, ou pela falta do que ler, ou de matérias de pouca qualidade. Essa crise é decorrente primeiro, por falta de condições socioeconômicas, pela limitação de opções determinadas pela escola, segundo a concepção que se tem de ler está ligada aos livros. Esta concepção provia da influencia do nosso sistema educacional, de uma forma livresca, defasada em relação à realidade, que teve como espelho o exemplo da escolástica cristã que orientou os jesuítas, os primeiros educadores do Brasil. E sem esquecer “das ideologias, que buscam na elitização da cultura meios de reafirmar a supremacia social, política, econômica e cultural” (MARTINS, 2003, p. 23).

Sabemos que, o que é considerado pela escola como recurso de leitura, não favorece uma aprendizagem consistente, com o real que os indivíduos vivenciam no seu dia-a-dia com a família, amigos, nas diversões, nas publicações populares, pelo contexto geral no qual os leitores estão inseridos. Não é de se estranhar, pois, a preferência por leituras bem diferentes, das que a escola impõe, limitando-se apenas em estabelecer “fichas de leituras”.

1.1 A importância da leitura

Restringir a importância da leitura apenas aos livros e textos escritos em geral, estará ao mesmo tempo desoportunizando de experiência de leitura os milhões de analfabetos existentes no país. Para reverter essa situação são necessárias reformulações efetivas no sistema político-econômico e sócio-cultural. Assim, não podemos deixar de fora uma peça fundamental para contribuir na amenização dessa situação que é o educador que em sua ação, deve repensar sua prática pedagógica e agir objetivamente diante dessa realidade.

Diante disto, faz-se necessário ampliar a noção de leitura que deve ser vista num sentido amplo independente do contexto escolar, ir além do texto escrito, permitindo compreender e valorizar cada aprendizado. Dessa maneira, a leitura não deve estar limitada a uma minoria, ela passará a fazer parte do cotidiano de muitos. Tal perspectiva de leitura oportunizará a descoberta de características comuns e diferenças entre indivíduos, grupos sociais e várias culturas, ao mesmo tempo incentivam tanto a fantasia como a consciência da realidade objetiva, proporcionando elementos para uma postura crítica, apontando alternativas.

Mas, “para ampliar as noções de leitura pressupõe transformações na visão de mundo em geral e na cultura em particular” (MARTINS, 2003 p.29). Isso porque, se sabendo que em nossa cultura limita-se a leitura aos contextos escritos, que provêm dos letrados. Mas, se considerarmos a realidade, observamos que ela nos apresenta inúmeras manifestações culturais que vem do povo, da camada menos favorecida que tem muito a nos oferecer. Isso nos reforça que tanto a leitura quanto a cultura deve ser compreendida além das instituições. Portanto o ato de ler inclui além da escrita outras manifestações do fazer humano.

Na sociedade letrada, ler é uma necessidade básica e um direito do ser humano. Para compreender e participar do mundo é preciso ler. A leitura diverte e informa ao mesmo tempo em que alimenta a fantasia e estimula a imaginação. O livro possibilita ainda reflexões e, conseqüentemente, uma revolução do saber, favorecendo a construção das relações sociais. O desafio da sociedade é encontrar novos rumos para a educação, novas metodologias que privilegiam a descoberta, e a criatividade. À aula em que só o professor fala, ensina forma repetidora, não forma cidadãos.

A educação libertadora só se dá através da leitura, pois quem lê se abre a novas idéias, avalia as próprias e cria outros modos de ver, novas maneiras de entender a si mesmo e ao mundo. “A leitura de textos provoca no leitor, um movimento de reflexão sobre o mundo e sobre o mundo do texto. A prática do ler acaba envolvendo o aluno.” (NETO 1992, p.66).

É lendo que o aluno se instrui se torna independente e continua crescendo mesmo quando deixa a escola. No entanto, poucas crianças têm hábito de ler em nosso país. A média é de um livro para cada criança anualmente. A maioria não tem acesso ao livro. O seu primeiro contato se dá na escola. E o que é pior, quase sempre de maneira errada. Pois, muitos de nossos professores também não aprendem a ler e impõe a leitura como uma obrigação.

Nos dias de hoje, percebe-se que as crianças começam a formar sua leitura de mundo e despertar para rabiscos, traços e desenhos desde cedo, conforme as oportunidades que lhes são oferecidas. Cabe então, enfatizar que se faz necessário colocá-las em contato com a leitura e a escrita de maneira prazerosa. Um importante caminho a ser seguido nesse aspecto é a exploração furtiva da literatura infantil.

Nesse sentido, este trabalho propõe-se a discutir a importância da leitura e da escrita de forma prazerosa na escola, destacando o seu caminho histórico através dos tempos, de maneira a ser compreendido a importância de ambas também no seu contexto social.

A literatura infantil desperta o interesse e a atenção das crianças, desenvolvendo nelas, entre outras coisas, a imaginação, a criatividade, a expressão das idéias, e o prazer pelo ato de ler e escrever. Cabe ressaltar também, que a leitura e a escrita oferecem situações nas quais as crianças possam interagir em seu processo de construção do conhecimento, possibilitando assim, o seu desenvolvimento e aprendizagem. É lendo e contando histórias oferecendo livros a criança desde a mais tenra idade que se forma um bom leitor.

Assim a prática da leitura é fundamental no aprendizado da língua e no fortalecimento do trabalho com texto. Equipamento algum a substitui mesmo numa época em que proliferam recursos audiovisuais e as “máquinas de mecanismo” ensinar. Pois, antes de tudo ler é descobrir caminhos, é conhecer e reconhecer o mundo em volta.

Cabe a escola com uma intuição que contribui em grande parte para a formação dos indivíduos para oportunizarem aos alunos essa leitura de mundo, oferecendo-lhes textos diversos (jornais, revistas, livros, etc.) fazendo uma ponte com sua realidade considerando sua leitura de mundo que é sua experiência de vida, e depois torná-la um conhecimento elaborado que este adquirido por meio de experiência que a leitura favorece.

Assim sendo, criar condições de leitura não reduz somente alfabetizar ou propiciar os acessos aos livros, mas trata-se de dialogar com o leitor sobre sua leitura, isto é, sobre o sentido que ela dá algo escrito, imagem, passagem, idéias situações reais ou imaginárias.

A leitura é um componente dinâmico, vinculado a um contexto social que não pode ser reduzido a uma técnica lingüística e entendida com um fato neutro e linear que resulta apenas em palavras e frases desconexas e sem sentido aparente para o leitor. Conforme Lajolo (1958):

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e dono da própria vontade, de entregar-se a essa leitura, ao rebelar-se contra ela, propondo outro não previsto. (LAJOLO, 1985, p.91)

Sendo assim ler é produzir sentido onde possa atribuir algum significado havendo assim a importância da criação de situações para o exercício da leitura, onde os alunos produzam e interajam para a construção da subjetividade, não ficando restrito apenas a atividade meramente de cópia ou de decodificação de sinais gráficos.

É de difícil compreensão quando a criança está começando a decodificar o código escrito ela sente dificuldade para realizar leitura, segundo Cagliari (1995, p. 162) “o esforço da criança que começa a ler é comparável ao esforço que um aprendiz de língua estrangeira faz para ler: é difícil conciliar os elementos, fônica com os elementos semânticos”.

De acordo com o que fora citado é realmente muito difícil para a criança que está começando a decifrar a escrita, elas sentem alguns embaraços está aprendendo a ler isso reside no ajustamento do processo da fala a leitura. Para falar começamos com uma organização do pensamento.

1.2 O que é ler?

É uma atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação de alunos leitores. “É muito mais importante saber ler do que escrever” nos afirma Cagliari. A escola oferece aos alunos atividades relacionadas a leitura e isso facilitará na formação de bons leitores. Ler é percorrer com a vista (o que está escrito) preferindo ou não as palavras mais as conhecendo, interpretando o sentido.

Sabemos que a leitura é um dos procedimentos importantes para a nossa formação, a grande maioria dos problemas enfrentados hoje ao longo dos estudos é decorrente aos problemas da leitura. Podemos observar nas universidades, nas escolas a escassez da leitura por falta de praticar a leitura e não ter propósito no que está lendo, tenha significado Bacelar e Cunha, (2000, p.55) “ainda com relação às implicações da minha afirmação sobre o que é ler, gostaria de ressaltar o fato de que o leitor construa o significado do texto. Isto não quer dizer que o texto não tenha sentido ou significado; felizmente para os leitores essas condições costumam ser respeitadas”.

É muito importante que a leitura seja realizada com objetivos, e seja compreendida, pois se a leitura não satisfizer as necessidades do leitor, ele terá dificuldade de compreendê-la com mais exatidão.

Para terminar a definição sobre o que é ler teria que mostrar a importância do ato de ler, as informações como um número telefônico ou de conta bancária, um endereço, a leitura sempre envolve compreensão.

As práticas de leitura existem desde muito tempo, e escolarizadas essas práticas sociais é um desafio, pois as práticas são totalidades indissociáveis e também não são seqüenciais, por que tem muitas coisas que não podem transmitir através da oralidade, pois muitas vezes acontece a desigualdade entre os grupos sociais.

Como se diz “aprende-se a ler, lendo” é através dessa expressão que pode instalar nas práticas de leitura como objeto de ensino. Sabemos que essas atividades cotidianas da sala de aula não são muito freqüentes. É importante que seja esclarecida essa expressão, pois é fundamental

que os alunos saibam, e compreendam o que eles estão lendo, sendo que a leitura sem compreensão não adianta, pois os alunos precisam praticar a leitura com diversos tipos de textos, através de leitura de revistas ou jornais. Como nos ressalta Lerner (2002):

Entre os comportamentos do leitor que implicam interações com outras pessoas acerca do texto, encontra-se, por exemplo, os seguintes: comentar ou recomendar o que leu compartilhar a leitura, confrontar com outros leitores as interpretações geradas por um livro ou uma notícia, discutir sobre as intenções implícitas nas manchetes de um jornal. [...] Entre os mais privados por outro lado, encontra-se comportamentos como antecipar o que segue no texto, reler o fragmento anterior para verificar o que se compreendeu. (LERNER, 2002, p.62)

1.3 Tipos de leitura

A leitura pode ser entendida de várias maneiras, a leitura pode ser ouvida, vista ou falada, pode ser oral, visual silenciosa, em voz alta e de outros que mencionaremos adiante. Uma leitura pode ser vista ou falada, um texto pode ser decifrado e decodificado por alguém que o traduz através de uma fala.

Essa leitura geralmente acontece nos primeiros anos na escola, no trabalho de alguns profissionais. A leitura oral, falada, é vista em geral, devido aos preconceitos lingüísticos de uma sociedade.

Uma leitura oral é realizada somente por quem lê, mas pode ser diretamente ligada as pessoas que estão ouvindo a primeira leitura que a criança escuta é essa a qual me refiro.

A leitura em voz alta pode de início ser feita no dialeto da criança e possivelmente passar para um dialeto padrão. A leitura em voz alta possibilita a criança escutar, olhar, perguntar e responder. Essa leitura é um meio para que a criança venha a entender o que está escrito.

Os diversos tipos de leitura podem determinar a leitura mais lenta ou mais veloz. Podemos dizer que há diversas formas de ver a leitura e entender. A leitura total ou intensiva consiste na retirada de todas as informações inseridas no texto. A leitura seguida ou extensiva ocorre geralmente quando os textos são extensos, é freqüentemente usada para determinar fins.

A leitura seletiva volta-se para uma informação específica uma informação que seja primordial, ou seja, relevante, para o propósito proposto pelo leitor. A leitura orientadora consiste na leitura aligeirada passando rapidamente os olhos sobre um texto para si ter uma idéia geral de que se trata realmente o texto.

1.4 Concepções sobre a leitura

Zilberman (1998) ressalta a perspectiva individual da leitura, quando esta é considerada o resultado de um período determinado de escolarização. Deste ponto de vista, “ler não é inato ao ser humano, e essa circunstância a de considerar em habilidade adquirida, denuncia de imediato a natureza social daquela atividade”(p.14). Percebe-se a dimensão social de modo mais evidente, quando lembramos que o exercício da leitura depende do funcionamento e integração de alguns fatores: um sistema (o da escrita); um processo (o da alfabetização); um conjunto de valores (o que postula de a pessoa dominar o código escrito distinguindo as fazem das que ainda não foram capacitadas para tanto).

No princípio do processo de aquisição de saber propiciada pela escola está à alfabetização, por que, em nossa sociedade, ter conhecimento da realidade passou a depender cada vez mais de ler. Essa habilidade hoje é obtida na escola. Para essa obtenção segundo Zilberman (1998):

Foi preciso expandir o sistema de ensino, torná-lo obrigatório e valorizar seus resultados. Com isso a escola deixou de ser um lugar para converter-se numa instituição, com a qual a leitura vinculou-se para sempre. O fato lhe conferiu, desde então, inevitável fisionomia pedagógica, pois não pode impedir que fosse identificada à instituição que promovia e difundia, sem deixar de se apresentar como sintoma do funcionamento e eficiência daquela. (ZILBERMAN, 1998, p.16)

A esse respeito, Aquino (2000) ressalta que,

A leitura é uma prática social que não se resume à educação institucionalizada, mais centra-se na relação sujeito – conhecimento – mundo, estimulando os participantes no processo crítico a buscarem, nas múltiplas formas de compreensão, de desvelamento e de reconstrução do conhecimento, as alternativas para produzir textos, transformar a si próprio e sua realidade.(AQUINO, 2000, p. 40)

Neste sentido, a escola se incumbiu, portanto, de introduzir as crianças ao mundo da leitura, esta tarefa complexa envolve mais que ensinar a codificar ou decodificar signos, pois a leitura é processo muito amplo: é atribuir significado aos sinais gráficos, conforme o sentido que o

escrito lhe atribui e conforme também a relação que o leitor estabelece com sua própria experiência.

Segundo Cagliari (1995, p. 148), “a leitura é extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola”. Dessa forma, o autor reforça a importância que a leitura tem também fora da escola, e a trata como fator relevante à formação do indivíduo. Ainda nessa perspectiva, Neto (1992,p.66) ressalta que “ ler é valorosa ação e acontecimento para que o aluno extrapole e avance enquanto ser que pensa e que descobre o pensamento de outros, através da palavra e de sua organização”.

O que se pode observar também, é que embora a leitura seja considerada como uma aquisição necessária aonde à mesma venha ser atribuída um valor positivo e absoluto, uma vez que traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e a sociedade também como forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimentos, de enriquecimento cultural, da ampliação das condições de convívio social e de interação. Para a demanda pobre da população brasileira o acesso à leitura e a escrita, se apresenta muitas vezes apenas como instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso do mundo do trabalho, à luta contra suas condições de vida. Em paralelo a esta posição encontraremos a classe dominante que vê muitas vezes a leitura como fruição, lazer, ampliação dos horizontes, de conhecimentos e experiências.

Segundo Teberosky e Ferreiro (1991), a criança desenvolve sua própria maneira de aprender a ler e escrever e é nesse processo que professores e pais devem voltar-se com mais atenção. Na visão das autoras supracitadas, “a alfabetização, aquisição da leitura a criança não depende tanto do método de ensino, mais ocorre de modo quase que natural e é personalizada”.

Segundo a autora, a criança ao freqüentar a escola já tem um certo conhecimento da escrita, pois, a mesma em ciclo familiar envolve-se com símbolos e ao transmiti-los está reforçando o que compreende da escrita. Na verdade a leitura não é uma simples prática escolar, mais um processo desencadeado pela vontade ou necessidade do leitor compreender os textos que estão a sua volta.

Fundamentada nesta perspectiva acredito que, para começar a ler e a escrever, as crianças não devem nem precisam se limitar apenas ao estudo da gramática, uma vez que as mesmas já dominam a língua portuguesa, sobretudo na sua modalidade oral.

A esse respeito Cagliari (1995, p. 17) diz que “qualquer criança que ingresso na escola aprendeu a falar e a entender a linguagem sem necessitar de treinamentos específicos ou de prontidão para isso”.

Dessa forma, o autor reforça a idéia de que, antes mesmo de freqüentarmos algum estabelecimento educativo, já “dominamos” a prática da linguagem, instrumento essencialmente necessário ao desenvolvimento da leitura e da escrita.

Cagliari também acredita que para ler não é preciso que a criança conheça todas as palavras do texto. Deixá-la ler, levando-a refletir sobre as estratégias de leitura e o conteúdo do texto é o fundamental. (CAGLIARI, 1995, p.24)

De acordo com Martins (1994, p.23), “uma vez alfabetizada a maioria das pessoas se limitam à leitura com fins pragmáticos, mesmo a leitura é uma herança maior do que qualquer diploma”.

Nos dias atuais o processo de leitura e escrita se encontra “banalizada” onde indivíduos muitas vezes lêem simplesmente por questões estritamente obrigatórias, desconsiderando assim, o prazer que uma boa leitura possa nos trazer.

Talvez seja esta a explicação dos mais diversos fracassos na nossa escola, muitos educandos freqüentam a escola simplesmente por interesses econômicos, ou para conseguirem uma promoção ou até mesmo para facilitar a entrada no mercado de trabalho visivelmente competitivo.

Para Cagliari “ a grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, chegando à pós-graduação, é decorrente de problemas de leitura” e nesta perspectiva, ele acredita que” [...] a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimento, e de interiorização, de reflexão [...] a escola que não lê muito para os seus alunos e não lhes dá

chance de ler muito está fadada ao insucesso, e não sabe aproveitar o melhor que tem para oferecer aos seus alunos”.(CAGLIARI,1995, p.148-150)

Desta forma, Cagliari, deixa claro que o grau de importância que a leitura traz tanto para a vida escolar quanto para a vida social dos sujeitos.

De acordo com os PCNS (2001, p.20) as evidências de fracasso escolar apontam a necessidade de reestruturação do ensino da língua portuguesa, com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita.

Deste modo à reestruturação de ensino da língua portuguesa, mostra-se como um possível caminho a ser percorrido pela dificuldade de se trabalhar a leitura e a escrita na escola.

Nesse sentido, os parâmetros curriculares nacionais surgiram como uma espécie de síntese do que foi possível aprender e avançar nesta década, em que a democracia das oportunidades educacionais começa a ser levada em consideração, em sua dimensão política também no que diz respeito aos aspectos intra-escolares.(PCN, 2001, p. 20)

Segundo Freire (1996) a aprendizagem da língua materna deve ser antes de tudo, a leitura da “palavra-mundo” e jamais deve significar uma ruptura com social e histórico da vida humana.

Desse modo, a leitura do mundo precede a leitura da palavra, Freire (1996). Daí inclusive, sua grande descoberta de mais de vinte anos atrás, o famoso método de alfabetização, que partia do mundo real do alfabetizando (da pesquisa vocabular até a formação da palavra chave: tijolo, parede, etc.) Da realidade cotidiana do aprendiz nascia, naturalmente, o conhecimento do mundo das palavras e das frases escritas: o conhecimento do código.

A leitura atende a curiosidade infantil em diversos campos e, assim, chega a reunir muitas disciplinas que compõem o leque do aprendizado. A obra literária não tem nenhuma obrigação de ser didática, mas o trabalho pode e, se bem feito, deve utilizar de livros de ficção para complementar, introduzir ou aprofundar conceitos de Linguagem, Estudos Sociais, Ciências e Matemática, uma vez que o desenvolvimento dos processos de leitura e escrita ocorre também na relação que estabelecemos com o que aprendemos em outras áreas do conhecimento. A continuidade do processo educacional após a alfabetização é

importantíssima, pois a escolarização abre novos horizontes na medida em que também expõe as pessoas a novos contextos de compreensão, interpretação e produção de leitura e escrita.

Dentre as inúmeras concepções de leitura, estas podem resumir-se duas características que podemos defini-los segundo Cagliari(1995, p.15): “a leitura é, pois, uma descrição e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois decodificar todas as implicações que o texto tem e finalmente refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu”.

Assim, entendemos que não há decodificação, decifração sem compreensão e ao mesmo tempo não há compreensão sem decodificação, ambos estão intimamente ligados.

Na perspectiva de Cagliari (1995), outra caracterização da leitura consiste numa compreensão ampla, incluindo aspectos filosóficos, ideológicos e culturais do leitor. Assim cada leitor tem uma forma diferenciada de ler, que deve ser respeitada, principalmente pela escola. Pois a leitura sendo uma experiência individual, a escola não deve usá-la para avaliar elementos, como rapidez, decifração e pronúncia.

A leitura não se resume só de texto antes de darmos início a essa relação, já temos um vivencia com leitura do mundo, nesta damos sentido a ele e a nós mesmos precisamos ser ensinados, por aprendermos através do meio a qual estamos inseridos.

CAPÍTULO II - A LEITURA NA ESCOLA: UMA ANÁLISE

Freire (2003, p. 59) considera que, “Um texto para ser lido é um texto para ser estudado, um texto para ser estudado é um texto para ser interpretado”. Sabe-se que a cultura das classes populares é bastante limitada, boa parte das crianças não são motivadas no contexto familiar devido a grande escassez de recursos ou até mesmo falta de reconhecimento quanto a importância na leitura na vida das pessoas.

Este é, portanto, um grande desafio para os indivíduos pertencentes a classes desfavorecidas, que não possuem condições favoráveis que possam contribuir para a aquisição de habilidades, quanto ao processo de leitura e escrita. De acordo com Martins (2005, p. 22), “Se o conceito

de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações sociais, política, econômica e cultura”.

Quanto ao aspecto cultural, Freire (2003, p. 76) afirma que, “Cultura são os instrumentos que o povo usa para produzir”. Diante disso, nos perguntamos o que somos capazes de ler criticamente, já que, como afirma Freire (2003), o povo utiliza de sua cultura para produzir sua história em todos os sentidos.

Acreditamos que o processo de leitura e escrita, na escola, deve ser melhor trabalhado, levando-se em conta as particularidades de cada processo, mas sem esquecer suas inter-relações. Temos por certo de que, na maioria das vezes, o educando só é estimulado a participar de uma atividade de leitura e escrita de forma mecânica, não sendo estimulado a praticar a habilidade de leitura escrita espontânea e prazerosa.

A leitura quando prática social nos permite reconhecer determinados fenômenos que fazem parte do nosso cotidiano, envolvendo idéias e acontecimentos que nos fazem interagir e “dialogar” com o mundo de forma mais significativa. A partir do momento que refletirmos sobre “as leituras do mundo” (FREIRE, 1996), compreendemos o grau de importância que as mesmas exercem sobre nossas vidas.

Consideramos que o processo de leitura deve ser desenvolvido através de práticas constantes e precisas em sala de aula. Sendo assim, o fracasso escolar no ensino da leitura pode ser diminuído em consequência da postura assumida pelo professor, enquanto incentivador da prática de leitura na sala de aula. Segundo Costa (2004), é importante que o professor compreenda a aula de leitura como um espaço discursivo, enfatizando a leitura como um momento no qual os alunos tenham a oportunidade de exercer sua identidade de leitor.

A leitura deve ser entendida como o meio de desenvolvimento, o qual nós devemos entender e por em prática, pois, a leitura é a atividade mais importante dos primeiros anos de escola. Nessa perspectiva, a função do educador é de ser sua própria aprendizagem, de acordo com sua história, suas necessidades e as exigências de sua realidade.

Entendemos que a leitura deve ocupar lugar de destaque na escola e, assim através da relação dialógica do leitor com o texto, desenvolver o pensamento crítico e a formação de leitores com uma visão abrangente do mundo, como uma forma estratégica de vida. De uma forma geral, podemos concordar com Freire quando se refere a questão do processo ensino-aprendizagem, destacando o reforço à crítica no espaço escolar como um processo de ação precisa para o desenvolvimento de capacidades indispensáveis a formação de sujeitos pensantes. Segundo Freire (1996),

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão (...), faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, em que o objeto ensinado é aprendido em sua razão de ser, e, portanto, aprendido pelo educando (FREIRE, 1996, p. 20).

Percebe-se que na maioria das vezes, que os docentes justificam esse fracasso a partir da falta de interesse dos alunos em aprender a ler e escrever. Muitas vezes o professor precisa ir além de suas práticas tradicionais, utilizando novos métodos para motivar a formação dos alunos leitores, não apenas sabendo interpretar os signos lingüísticos, mas, sabendo entendê-los a partir da interpretação sobre o que se ler.

Através da leitura, as crianças vivenciam experiências distantes no tempo e no espaço; formam juízos e estruturam comportamentos e atitudes. Nesse sentido, a leitura não só estimula a curiosidade, como também, vai de encontro com os interesses próprios de cada idade e em cada nível escolar em que o aluno se encontra.

Se a escola e a leitura estão assim tão ligadas, cabe primeiro o desafio de ensinar a ler numa perspectiva crítico-criativo, levando uma conscientização frente a realidade em que vive. É papel da escola, criar oportunidades de observação de livros e situações em que a leitura prevaleça com um fator importante para a comunicação dentro e fora da escola. Martins (2005) destaca que,

Como, principalmente no contexto brasileiro, a escola é o lugar onde a maioria aprende a ler e a escrever, e muitos têm sua talvez única oportunidade de contato com os livros, estes passam a ser identificados como os manuais escolares (...). Na verdade, resultam em manuais da ignorância; mas inibem do que incentivam o gosto de ler. (MARTINS, 2005, p. 25-26).

O aprender a “argumentar” defendido por Demo (2004), nos estimula a entender que a prática da leitura deve ser caracterizada como um encaminhamento do aluno para a capacidade argumentativa, desde que o mesmo consiga dialogar com os autores, partindo da prática para a realidade de vida. Segundo Demo (2004),

De fato, aprendendo a argumentar, o aluno não só faz ciência, com em particular, constrói sua cidadania, conjugando qualidade formal (manejo do conhecimento) e política (capacidade de intervenção alternativa), aprender a argumentar significa: fundamentar cuidadosamente o que se diz, sem impor; ler criticamente, de modo desconstrutivos e depois reconstrutivo, para que seja possível tornar-se “autor”; escutar atenta e respeitosamente o outro e contra-argumentar civilizadamente; convencer sem vencer; cultivar a esfera pública da discussão aberta, na qual deve valer o melhor argumento, não artimanha imposição; participar da discussão ativamente, em particular com elaboração própria, não de qualquer maneira, evitando-se socializar a ignorância. (DEMO, 2004, p.30).

A motivação e a mediação do professor faz toda a diferença, no sentido de se superar as dificuldades de leitura em sala de aula. Acreditamos que a motivação é a base para a conquista do sucesso escolar. O educador que incentiva seus alunos a lerem, mesmo não se tratando de leituras “formais”, ou seja, ler jornais, revistas, documentários e etc., estará contribuindo para a diminuição do elevado índice de alunos com problemas com a prática da leitura.

Como nos afirma Cagliari (1995, p. 161) “O aluno acaba de ler e não sabe dizer o que leu!”, muitas vezes o aluno não tem controle sobre o pensamento ao longo da leitura. A compreensão dos textos pela criança é a meta principal do ensino da leitura. É interessante ressaltar o que afirma Cagliari (1995):

Finalmente, a escola deve dar chance ao aluno de ler segundo sua variedade de língua e não obriga-lo logo na primeira leitura a ler no dialeto da escola. Mas à medida que o aluno vai estendendo seu treinamento, a leitura pode ser um momento interessante para que ele possa aprender a realização do dialeto da escola (CAGLIARI, 1995, p. 167).

É de grande relevância que o professor seja um incentivador que o ajude as crianças a acreditar nas suas potencialidades, metas e objetivos, é importante que o professor incentive ao aluno a leitura, com o passar do tempo ele vai criando amor e prazer pela leitura. Seguindo os dialetos da escola.

Ao refletirmos sobre isso, nos deparamos com a questão do fracasso escolar de alguns alunos. Um exemplo bastante conhecido no meio escolar, é a “incapacidade” de alguns alunos, no que diz respeito à aprendizagem da leitura, escrita, interpretação matemática e etc. As vezes, o problema não está exclusivamente no aluno, mais, na própria limitação metodológica do educador, que não procura utilizar novos métodos de ensino para que o aluno desenvolva certas habilidades com a leitura, que é essencial na vida das pessoas.

Demo (2004) destaca questões de grande importância para os educadores, falando sobre nossa formação e nossa cultura, associadas a construção da política social, que depende, exclusivamente de nossas colaborações, no sentido das atitudes necessárias no processo de ensino. O autor destaca a necessidade de também os educadores realizarem leituras variadas, para então partirem para uma boa prática de leitura em sala de aula, transformando as práticas tradicionais em práticas inovadoras de leitura.

Não é através do autoritarismo que se consegue transformar o triste quadro que corresponde às dificuldades de leitura e escrita, pelo contrário, o autoritarismo imposto ao aluno faz com que o medo prevaleça, impedindo de desenvolver suas habilidades próprias de ler e escrever com segurança. Os educadores precisam estar alerta para esse tipo de transformação no setor de ensino. Segundo Bacelar e Cunha (2000):

Para que uma pessoa possa se envolver em uma atividade de leitura, é necessário que se sinta capaz de ler, de compreender o texto que tem em mãos, tanto de forma autônoma como contando com a ajuda de outros mais experientes, que atuam como suporte e recursos. (BACELAR e CUNHA, 2000, p. 73).

Nesse sentido, acreditamos que o ensino da leitura se for bem orientado, fará “nascer” na criança atitudes de grande utilidade na vida em todos os sentidos, atitudes estas que o levam a enfrentar e tentar superar os problemas com maior possibilidade existentes em seus contextos de vida, tornando-o mais livre, mais eficiente e felizes. Entendemos que a leitura é um processo de construção da prática social e, portanto não deve ser dissociada do nosso cotidiano.

Para que o educador se conscientize da necessidade de se renovar suas práticas escolares, deve pensar necessariamente na possibilidade como pode ser inserido esse mundo de leitura e escrita nas suas práticas constantes. Para isso, é preciso pensar primeiramente como pode ser inserido esse mundo de leitura e escrita no cotidiano escolar, tentando inseri-lo também no

cotidiano social do aluno, isto é, fora da escola, fazendo com que os mesmos possam levar a leitura e escrita para o meio familiar intervindo com as necessidades que muitas vezes são expostas na família sem saber como as resolver.

Sabendo disso, é preciso interagir diante do que está sendo colocado para que futuramente, ao deparar com situações parecidas possa resolvê-las. O professor deve criar oportunidades e possibilitar, não só a quantidade e sim a qualidade de aprender a criticar e lidar com os obstáculos dos alunos em relação à leitura e escrita, enquanto processos indispensáveis à vida social de cada um.

Normalmente percebemos que o ensino da leitura e escrita, que é desenvolvido nas práticas pedagógicas cotidianas, trazem consigo problemas sérios, que podem comprometer o desempenho escolar dos alunos com relação às habilidades de ler e escrever de forma correta.

O fracasso escolar é muito evidente no processo de ensino-aprendizagem. Ao pensarmos sobre isso, nos preocupamos com as causas desse fracasso, bem como com as possíveis soluções para tais problemas. De acordo com Griffó (2002, p. 52), “A escola opera com o princípio de que o problema está nos alunos e que somente eles próprios poderão resolvê-los. Dessa forma, faz com que se percebam como os culpados das situações, levando-os a assumir a culpa pelo fracasso”.

2.1 A leitura como essência no âmbito escolar

As escolas muitas vezes cometem o erro de acreditar que a criança encontra dificuldades de leitura nas séries iniciais devido a não maturidade suficiente para a aprendizagem desta habilidade. Porém, engana-se quem acreditar que as crianças chegam ao ambiente escolar vazias de qualquer aprendizagem.

É importante ressaltar que, mesmo antes de entrar a escola, muitas crianças já têm contato com a leitura e também com a escrita, principalmente aquelas que vivem nas grandes cidades, pois precisam desde cedo saber ler, pelo menos, placas de ônibus, números, nomes, etiquetas,, etc. Os educadores devem estar cientes “de que seus alunos não partem do zero, e sim de que tem conhecimentos prévios construídos, a partir dos quais se devem criar pontes para as novas

aprendizagens”(TEBEROSKY e COLOMER,2003).Diante desta realidade,deixa claro a necessidade de que a leitura trabalhada na escola seja ampla, não restrita aos textos das cartilhas. Então, é necessário ensinar as crianças como proceder em cada caso ensinando-lhes que se lê de forma diferente uma revista, um jornal, uma placa, uma etiqueta, um jornal, etc.

Por ser uma leitura, na sua essência, uma atividade individual, a escola não deve torná-la um mero pretexto para avaliar outros elementos, como pronúncia, rapidez de decifração, etc. Não deve também, passar aos alunos a falsa idéia de que a ortografia só permite a leitura da palavra, segundo a fonética do dialeto padrão que a escola usa. Em outras palavras, a escola deve ensinar as crianças a ler no dialeto trazido por elas. Essa atitude é fundamental para formar bons leitores. Cabe salientar que, à medida que o aluno vai entendendo o seu treinamento, a leitura pode ser um momento interessante para que ele possa aprender o dialeto da escola.

É função da escola criar oportunidades de observação de livros e situações que a leitura prevaleça como fator também importante para a nossa comunicação, dentro e fora da escola. Segundo Freire “a leitura de mundo precede a leitura da palavra[...] e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela”(FREIRE,1989, p.11)

2.2 Como acontece a leitura na escola?

Como sabemos a escola sempre foi considerada o lugar onde o aluno aprende a ler e a escrever. Mas, sabemos que os alunos não têm uma leitura adequada pela qual deveria ter, a leitura na escola foi e mostrada na escola de forma que não responde as necessidades dos alunos, pois a escola faz da leitura como se fosse imaginária irreal. Mas, é de grande relevância fazer da escola um lugar propício para a leitura, pois com a leitura, no âmbito escolar formaremos bons escritores, e chegar a ser cidadão da cultura escrita. É primordial que a leitura seja feita de maneira satisfatória para que não corra o risco de “assustar” as crianças. Nas observações de Garcia Marques ressalta Lerner (2000):

O tratamento da leitura que costuma ser feita na escola é perigoso, porque corre o risco de 'assustar as crianças', quer dizer distanciá-las da leitura, em vez de aproximá-las dela; pôr em dúvida a situação da leitura na escola, não é justo sentar os professores na banco dos réus, porque "eles não são vítimas de um sistema de ensino". Portanto, não devemos perder todas as esperanças: em certas condições, a instituição escolar pode transformar-se num âmbito propício para a leitura.(LERNER,2002 p.75)

Como fora citado muitas vezes as dificuldades apresentadas no âmbito escolar em relação à leitura é direcionada ao professor como se ele fosse culpado, sabemos que o sistema de ensino é o principal culpado. Mas não podemos desanimar, pois esse quadro tão doloroso para o ensino-aprendizagem se transforma em um lugar propício aonde todos venham usufruir de seus direitos e deveres.

Para construirmos uma nova versão da leitura é essencial que os alunos apropriem-se dela. Lerner diz que "articular a teoria construtivista da aprendizagem com regras e exigências institucionais está longe de ser fácil", pois é preciso criar novas maneiras para estabilizar a aprendizagem. É importante transformar os papéis de docentes e discentes em relação à leitura. Já segundo Teberosky e Colomer (2003):

Para desenvolver um modelo construtivista de ensino-aprendizagem, é necessário construir situações de aprendizagem, configurar fontes de informações para resolvê-las, observar como os alunos se deparam com problemas e diálogos para conseguir que os alunos incorporem mais de uma alternativa.(TEBEROSKY e COLOMER, 2003, p. 80)

Para elaborar uma nova versão da leitura na escola é importante o diálogo, a reflexão crítica sobre ela, pois o diálogo ajudará o aluno no ensino-aprendizagem a superar algumas dificuldades. Geraldi (2005), considera:

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isto é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem.(GERALDI, 2005, p.63)

Como já fora mencionada a escola passa por várias conseqüências em relação à leitura para que seja lida corretamente, observamos que a leitura, quando é feita incorretamente causa desvantagem no ensino-aprendizagem na visão de Cagliari (1997,p.169), "um aluno que não lê aprenderá o resto com dificuldade e pode passar a ter uma relação delicada com a escrita, não entendendo muito bem o que esta significa e nem como funciona".

Na escola a leitura serve para vários seguimentos, é notório citar o que nos afirma Cagliari (1995):

Na escola, a leitura serve não só para se aprender a ler como para aprender outras coisas, lendo. Serve ainda para se ensinar e treinar a pronúncia dos alunos no dialeto-padrão e em outros. A leitura é uma maneira de se aprender o que é escrever e qual a forma ortográfica das palavras. Para conseguir esses objetivos da leitura é preciso planejar as atividades de tal modo que se possa realizar o que se pretende. (CAGLIARI, 1995, p. 172 – 173).

Diante disso a leitura tem vários aspectos relevantes no contexto escolar e na sociedade, pois com a leitura aprendemos a exercitar a fala corretamente, corrigir se as palavras estão corretamente através da ortografia, mas observamos que a leitura é escassa, a leitura deveria ser um eixo, uma maior herança que a escola poderia ter.

2.3 O papel do professor na escola

Como sabemos a leitura é um dos objetivos da escola há séculos e o professor deve desempenhar o papel de leitor que é extramente viável e também o papel de escritor, pois são os mais importantes. A leitura do professor é primordial para a aprendizagem da criança na visão de Lerner (2002, p.95), "a leitura do professor é de particular importância na primeira etapa da escolaridade, quando as crianças não lêem eficazmente por si mesmas. Durante esse período, o professor cria muitos e variadas situações nas quais lê diferentes tipos de textos".

Essas leituras feitas pelo professor são viáveis, pois os alunos aprendem com o professor através dos textos lidos e compartilhados coletivamente em sala, através de textos lidos e comentados que poderá despertar nas crianças o valor que a leitura tem. O professor como leitor não é o suficiente para o ensino da leitura, é necessário que os alunos leiam textos para adquirir suas próprias leituras.

O papel do professor é incentivar as crianças ao ato de ler sem se deter às dificuldades, ele deve devolver totalmente as crianças à responsabilidade da leitura com o objetivo de compreender melhor o que lhe é exposto tanto à leitura individual quanto compartilhada, pois é muito importante para interação do aluno, segundo Teberosky e Colomer (2003):

Para se obter uma leitura interativa, o professor não precisa transformar a leitura monológica do texto em um diálogo cotidiano. Ao contrário deve tentar fazer com que as crianças “entrem” no mundo do texto, que participem da leitura de muitas maneiras: olhando as imagens enquanto o professor lê o texto, aprendendo a reproduzir as respostas verbais.(TEBEROSKY e COLOMER, 2003, p. 127)

Quando a criança tem a interação do adulto através da leitura é um processo de aprendizagem novo para as crianças, aprendendo novas formas de linguagens, quando os textos, as histórias são lidas para as crianças elas memorizam, assumem algumas canções, trechos e desperta nela o interesse pela leitura.

Segundo Bacelar e Cunha (2000) ressaltam: “Nas atividades de leitura o papel do professor será o de favorecer ao aluno oportunidades de interagir com a linguagem oral; o do aluno será o de descobrir, observar, categorizar, compreender, construir hipóteses.” (BACELAR e CUNHA, 2005, p.51).

Quando o professor desempenha o papel de escriba a criança aprende a participar como produtora de textos as crianças aprendem a diferenciar entre dizer para ser escrito. O professor por sua vez, pode desempenhar seu papel como escriba, onde “a criança aprende a participar como produtora de textos aprende a aditar para que o outro produza um texto escrito” (Teberosky & Colomer, 2003, p.122).

Segundo Teberosky & Colomer essa prática do professor como escriba, faz com que os alunos aprendam a diferenciar a linguagem oral da escrita e ainda as próprias crianças aprendem a produzir um texto escrito.

CAPÍTULO 3 - PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DE DADOS

3.1 Metodologia da pesquisa: estudo de caso

De acordo com Matos, utilizamos o estudo de caso quando selecionamos apenas um objeto de pesquisa, obtendo várias informações sobre o caso selecionado. Dessa maneira a investigação é importantíssima nos cursos de pós-graduação devido a sua facilidade operacional que se proporciona. Como é considerada uma amostra reduzida, isso faz com que essa modalidade de

pesquisa seja uma das mais presentes entre os investigadores. Diante do exposto Matos 2001 afirma que: “O estudo de caso é uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos apresentando como limitação a impossibilidade de generalização”. (MATOS, 2001, p. 58).

Segundo Matos, a observação é muito freqüente porque pode ser associada a vários procedimentos exemplificando a entrevista. Ela ressalta que a pesquisa, para obter êxito tem que observar compreender que é necessário para fazer o registro. A observação deve ser orientada com objetivo, deve ser planejada, registrada e ligada a proposições mais gerais, e que, além disso, deve ser submetido a controle de validade e precisão. Reforça Matos, 2001: “Os registros devem ser feitos, de imediato em um caderno, para não haver o risco de ao fazer anotações depois, deixar escapar dados importantes podem ser também usados filmagem, gravadores e maquinas fotográfica”. (MATOS, 2001, p. 53).

Segundo a autora o questionário consiste em uma técnica de investigação que, sem a presença do pesquisador, o investigado responde por escrito a um formulário (com questões) entregue pessoalmente pelo correio. Visando uma melhor compreensão; o instrumento deve possuir um cabeçalho em que será explicada a pesquisa, os objetivos e a sua importância das respostas corretas além de garantia de sigilo das informações.

De acordo com Matos, 2001:

As questões devem ser objetivadas e claras podem ser abertas, quando a respondente expressa livremente suas opiniões; fechadas quando as opções das respostas são dadas e mistas, apresentando uma fusão de dois tipos mencionados. (MATOS, 2001, p. 61).

Antes da aplicação precisamos realizar um pretexto com algumas pessoas para analisar o que pode ser melhorado no instrumento.

3.2 Caracterização da escola

No ano de 1975, o gerente do DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra Seca) do Perímetro Irrigado de São Gonçalo, Dr. Zenon Meireles de Oliveira, juntamente com a Assistente Social Marion Mesquita Alencar de Oliveira, sentindo a necessidade de uma escola na comunidade do Núcleo Habitacional III fundaram a escola no dia 20 de julho do mesmo ano.

Em 01 de Março de 1976 foram iniciadas as aulas no referido estabelecimento de ensino, com o nome Nenésio Palmeira de Lemos, em homenagem a um engenheiro agrônomo que faleceu em São Gonçalo.

Esta escola funcionava com professores municipais, vindos de Marizópolis, cidade vizinha à Sousa. Com o afastamento desses professores, foi assinado um convênio entre o DNOCS e o Projeto Nordeste para repor o quadro de professores.

A luta dos dirigentes do DNOCS era contínua ano após ano, para sua estadualização. Em 1982, a escola foi estadualizada pelo decreto Nº 9. 420/ 82 com o nome Escola Estadual de 1º Grau Núcleo Habitacional III, inserida no Padrão A-1, pelo então Governador Tarcísio de Miranda Buriti.

Em 1993, a escola passou a ser chamada Escola Estadual de 1º Grau Francisco Cícero Sobrinho, em memória a um irrigante, pai de um professor que residia na comunidade.

De 1976 a 2001, ocuparam a direção da referida escola, hoje denominada Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Francisco Cícero Sobrinho, ligada à 10ª Região de Ensino em Sousa - PB.

A referida escola funciona em três turnos (matutino, vespertino e noturno) no qual funciona o ensino infantil e fundamental, sendo que no ano de 2005 começou a funcionar salas de EJA de ensino fundamental e médio.

A escola também é composta com um corpo docente de 11 educadores, 308 discentes, 02 administradores, 03 agentes administrativos e 08 auxiliares de serviço.

Com relação à Proposta Pedagógica da Escola, a mesma expressa as diretrizes do processo de ensino-aprendizagem, determinado, numa ação integrada rumo à escola, tendo como referência a realidade da escola, a realidade da clientela, as expectativas e possibilidades concretas conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96).

Desta forma, a Proposta vem colaborar com o processo de construção, de transformação, priorizando o pleno desenvolvimento da escola, em busca de uma educação de qualidade e do cidadão que se pretende formar. Nesse sentido, sabemos que mudanças estão sendo exigidas na realidade educacional, portanto temos a preocupação de somar dificuldades, que procedimentos adotar e como trabalhar a multiplicidade de realidades.

A proposta pedagógica tem como finalidade incorporar os conteúdos do ensino e as relações pedagógicas, elementos ético-normativos subjetivos e culturais do mundo concreto onde os alunos organizam-se e se interagem construindo explicações para os fatos e fenômenos da realidade e valores características de uma cultura.

A Escola também prima, pela qualidade do ensino ministrado, pela mesma, e seu sucesso na tarefa de educar cidadãos capazes de participar da vida sócio-econômica e político-cultural do País direcionam-se a uma formação continuada. E para isso, é necessário respeitar algumas orientações didáticas, ou seja, as ações pedagógicas que se organizam nas funções educativas para formar um cidadão autônomo e participativo.

3.3 Análise dos dados dos questionários da pesquisa

Os questionários foram elaborados no 4º ano da Escola Estadual de Ensino Infantil e Fundamental, Francisco Cícero Sobrinho – Zona Rural – Município de Sousa / PB, o qual teve como finalidade obter informações sobre as dificuldades referentes ao ensino-aprendizagem da leitura.

3.4 Análise dos dados dos questionários dos alunos

Para isso o questionário aplicado continha perguntas simples de acordo com o nível de aprendizagem da turma.

A primeira pergunta continha a seguinte interrogação: Como você se sente quando ganha um livro de presente?

- Todos afirmaram que se sente feliz quando recebe um livro de presente. É correto afirmar neste contexto que um livro é de fundamental importância para a vida de todo ser humano, é importante, também, que os pais adquiram livros para os filhos, pois ajuda a criança no ensino-aprendizagem.

Continuando o questionário perguntamos: Como se sente quando gasta seu tempo livre lendo?

- Desse modo 60% da turma fica alegre e 40% triste, o observado é que muitos gostam de ler para adquirir informações e o restante fica triste, pois muitos não sabem o que estão lendo. Como “afirma GAGLIARI (1995):” O aluno acaba de ler, mas não sabe dizer o que leu! Muitas vezes o aluno não tem controle ao longo da leitura.

Quando perguntamos: Você acha que vai gostar de ler quando for maior?

- As respostas foram as melhores possíveis, pois 100% da turma respondeu que sim, muitos responderam oralmente que a leitura é importante todo dia das nossas vidas. Pois, a leitura está sendo enfatizada em todo contexto do mundo globalizado, pois o conhecimento é primordial, e não existe conhecimento sem leitura.

Ao ser questionado: Como você se sente quando vai a uma livraria?

-80% dos alunos responderam que ficavam felizes, pois viam livros de historinhas, de romance, de literatura etc. 20% responderam que ficavam tristes, pois nunca foi em uma livraria, por morarem em zona rural e por condições dos pais.

Quando questionamos: Como se sente quando lêem uma história para você?

- Todos responderam que gostam de ouvir leituras feitas por outras pessoas leituras como contos, aventuras, adivinhações. Como afirma GAGLIARI (1995): “ A leitura oral é feita não somente por quem lê,mas podem ser dirigidas a outras pessoas, que também ‘lêem o texto ouvindo-o.

Abordando a seguinte questão: Quando vai a casa de um amigo gosta de ler livros dele?

- As respostas dadas pelos alunos foram negativas, pois todas disseram que não gostam de ler livros dos amigos, porque vão brincar. Isso dificulta no seu ensino aprendizagem, pois a leitura deve ser constante.

Finalizando a última questão: Como se sente quando lêem poemas para você?

- Todos afirmaram que se sentiam bem quando ouvia poemas, pois quando é lido corretamente torna-se prazeroso.

Para complementar o estudo da leitura, o questionário apresenta afirmações relacionado o tema elaborado: leitura.

De início a pergunta era a seguinte: Adoro ler...

50% dos alunos responderam que adoram ler livros e outros responderam que gostam de ler revistas, histórias sobre o corpo humano, achei muito interessante a diversidade de leituras que eles acham prazerosas.

A segunda questão enfatizava: gosto de escrever sobre...

A diversidade foi enorme, uns disseram que gostavam de escrever sobre família, outros sobre o amor, paz, a escola, outros gostam de escrever sobre eles mesmos.

A questão abordava: um dia vou escrever sobre...

Uns responderam que vão escrever poemas, histórias em quadrinhos, contos, etc.

As respostas foram distintas, mas muito significativas. É de grande relevância saber o que escreveu como afirma Cagliari (1995): “o processo de decifração pressupõe não só tudo o que se disse a respeito da escrita: o que é, para que serve, como funciona, o que é ortografia etc. É importante que seja significativa o que vou escrever”.

No inventário havia várias informações como: fico entretido quando... Meu programa favorito na TV é... Quando estou lendo eu...

Os alunos responderam rápido, eles disseram que ficavam entretidos quando estão brincando, o programa favorito deles é Chaves, Bob esponja e responderam também que, quando estão lendo textos interessantes não tem tempo determinado para parar, Bacelar e Cunha (2000) afirmam que: “Uma das condições necessárias para que a experiência de ler seja prazerosa é que a leitura satisfaça um propósito, isto é, seja significativa para o leitor”.

Quando mencionamos as seguintes perguntas: gosto de usar meu tempo livre em... Tenho dificuldade de entender a leitura quando... Acho que as historinhas são... E eu leria mais se...

90% dos alunos responderam que gastam seu tempo livre brincando, só 10% dos alunos afirmaram que gastavam seu tempo livre lendo, e também eles sentem dificuldades quando é lido aligeirado e com palavras difíceis, eles acham as historinhas interessantes e quando são histórias em quadrinho principalmente, eles disseram que fica fácil de relacionar com os desenhos.

As seguintes afirmativas afirmam: Quando leio em voz alta...

Os alunos responderam que se atrapalha, que gaguejam, que não entendem corretamente, e outros afirmaram que acham legal. O que acontece com as crianças que se atrapalham, pois não decifra primeiro o que está escrito Cagliari, (1995) afirma que “no ato de da leitura em voz alta, o texto deve em primeiro lugar decifrar o que está escrito e depois reproduzir oralmente o que foi decifrado”.

Quando perguntamos para os alunos as afirmações: Para mim os livros de estudo são... E quando leio em silêncio eu... Se tivesse que recomendar um livro eu escolheria de...

Elas afirmaram que os estudos são bons porque conhecem mais, e disseram que gostam de ler em silêncio, e se fosse para escolher para o livro para ler escolheria um livro que fosse interessante.

A questão faz a seguinte afirmação acho os jornais um meio de informação. Apesar de serem da zona rural muitos pais dificilmente comprar, mas eles disseram que é bom pois ficam informados das notícias e acontecimentos. Muitas crianças que dificilmente ver jornais muitas vezes vêm quando vai enrolar alguma coisa.

3.5 Análise dos dados dos questionários dos professores

Esta análise é resultado da coleta de dados, tendo como instrumento um questionário com questões subjetivas juntos os professores da Escola Estadual de Educação Infantil e Fundamental Francisco Cícero Sobrinho que reside no Núcleo 03, zona rural do município de Sousa. O questionário elaborado tem por objetivo analisar as práticas pedagógicas dos professores em relação a leitura. Com está análise os professores poderão realizar uma prática refletida, buscando novos métodos de leitura e desenvolver um trabalho satisfatório para os discentes.

O presente trabalho foi realizado com 04 professores, todos com formação superior completa e com vasta experiência na área de educação, entre 15 e 20 anos de tempo de serviço.

A primeira questão faz a seguinte afirmação: Qual a importância que a leitura tem na vida do ser humano e para sua formação?

- Os professores numa mesma linha de pensamento afirmaram que a leitura é grande responsável pela compreensão e entendimento do contexto e da formação do ser humano nas diversas esferas da sociedade. Como prática social a leitura é sempre um meio e nunca um fim. Ela também é um processo de construção ativa de sentido que tem fundamental importância na sociedade letrada. Portanto, elas afirmaram que a leitura é de grande importância no dia-a-dia do cidadão e na sua formação.

A seguinte questão foi: Como está desenvolvendo o hábito de leitura com os alunos no ambiente escolar?

- As respostas foram diversificadas, 50% responderam que desenvolvia a leitura através de músicas, danças e desenhos. E 50% desenvolvia a leitura com textos diversificados, como leitura coletiva, em voz alta, em voz baixa, elas afirmam que todos esses procedimentos foram adotados para provocar o desenvolvimento de interesse pela leitura.

Em relação as respostas observei as diferentes formas de desenvolver a leitura nos alunos. Os professores devem respeitar a leitura de cada criança. Segundo Cagliari (1995): “Cada uma lê a seu modo; E isso não é mal, mas é o que deve acontecer e a escola deve respeitar a leitura de cada um”. Pois, muitas crianças desenvolvem a leitura silenciosa e acha satisfatória e proveitosa e muitas desenvolve leitura em voz alta, que aprende com mais facilidade. Como nos diz Teberosky e Colomer (2003): “ Quando o professor realiza leitura em voz alta a criança aprende a participar como audiência , por que, escutar não é algo passivo.”

A terceira questão foi: Como utiliza os materiais de leitura e com que frequência?

- Com referência a utilização dos materiais 50% utilizam a leitura de forma oral; 25% através de dramatizações, versos, poemas, 25% utilizam os recortes de história e a leitura silenciosa. Tendo uma frequência diária, o uso dos materiais de leitura.

Diante desses dados vemos que tais professores caminham na perspectiva de Teberosky e Colomer (2003), quando diz: “ Diante um texto memorizado e assistindo ao ato de escrita e de leitura entre a linguagem oral e a escrita bem como também aprendem a produzir ou (reproduzir) discursos externos e coerentes.” De acordo com a autora a criança que tem contato com o ato de escrever e a leitura, aprende a diferenciar a leitura oral da escrita.

A quarta questão interrogava: Que método é utilizado para introduzir a criança no mundo da leitura?

- As respostas foram diversas, o primeiro respondeu que utilizava texto informativo e leitura atualizada. A segunda respondeu que utilizava histórias em quadrinhos e livros para didáticos. A terceira respondeu que varia, é permitido ao aluno que construa eles próprios o seu saber.

Assim, o professor orienta nas descobertas, estimulando-os em suas conclusões, ela firmou que usava livros didáticos para auxiliar nas atividades complementares. Dessa forma considero as respostas como proveitosas, sendo que o professor deve estimular no aluno questões que o levem a indagar o porquê e para quê, formando cidadãos críticos, capazes de construir seu próprio conhecimento.

Finalizando perguntamos: Em que sentido o professor deve estabelecer o incentivo da leitura na sala de aula e na sociedade?

- Elas responderam que se pretende não só despertar nos alunos o hábito de consultar, e também perceber que os temas trabalhados em sala estão presentes no cotidiano e fazem parte do mundo em que vive. O professor como principal incentivador deve tentar compreender os diferentes sentidos atribuídos pelos alunos aos textos por que não saber interpretar é fruto da falta da prática da leitura.

3.6 Análise dos dados dos questionários do gestor

A elaboração do questionário foi aplicada para a gestora do Núcleo 03, na escola já mencionada anteriormente, ela trabalha há 20 (vinte) anos na educação, ela concluiu o curso de Pedagogia (Supervisão Escolar) este é o primeiro ano em que trabalha na direção da referida escola. O questionário elaborado tem por finalidade saber informar a respeito da leitura desenvolvida na escola, e como ela está trabalhando com os professores nesse tempo que é tão importante no contexto escolar dos docentes e discentes.

A primeira questão abordava sobre: Quais os critérios utilizados para recuperar alunos que apresentam dificuldades na leitura?

Ela foi sucinta em sua resposta afirmando que a leitura era diversificada com textos atraentes para despertar o interesse pela leitura, nos horários vagos e em sala de aula. Como nos diz Bacelar e Cunha (2000): “A leitura e a escrita apreçam como objetivos prioritários da Educação Fundamental. Espera-se que no final dessa etapa, os alunos possam ler textos adequados para a sua idade de forma autônoma e a utilizar recursos ao seu alcance para referir as dificuldades dessa área – estabelecem interferências conjeturas; reler o texto; perguntas ao

professor ou a outra pessoa capa citada fundamentalmente; também se espera que tenham preferências na leitura e que possa exprimir opiniões do que leram”.

A segunda questão foi: Qual o período em que a escola dar mais ênfase a leitura?

Ela afirmou que a leitura é enfatizada diariamente com propósito de atender as deficiências dos alunos, Bacelar e Cunha (2000), cita que: “é indispensável que leiam diariamente, como propósitos significativos, empregando estilos variados para diversos materiais, pois ler é um processo muito complexo”.

A leitura dos alunos é imprescindível, a leitura sempre nos ajuda a descobrir sempre mais, é relevante que a leitura seja feita com propósitos e objetivos.

Seguindo o questionário perguntamos: Qual é a maior preocupação que a escola enfrenta sobre os aspectos da leitura? E como você faz para tentar solucionar esse problema que atinge a maioria das crianças?

Ela ressalta que é a falta de interesse dos alunos e de uma biblioteca adequada a realidade dos alunos. Ela procura sempre mostrar para eles, a importância da leitura, promovendo eventos para corrigir as deficiências ao alunado principalmente nas séries iniciais. Os alunos muitas vezes não são motivados ao ato de ler que é muito importante, muitas vezes elas não tem livros adequados, não tem biblioteca como nos diz Teberosky e Colomer (2003): “É evidente que os livros da biblioteca darão as crianças a medida do que podem esperar da leitura”.

Perguntamos: Em relação aos projetos desenvolvidos pela escola, como você observa a questão da dificuldade dos alunos não saberem ler, e quais os métodos que os projetos devem auxiliar o professor nesse processo?

Elencaram que a questão dos alunos não saberem ler é a falta de prática em casa, o exercício da leitura como também a falta de incentivo por parte dos pais que na maioria deles não desenvolvem o hábito da leitura, essa resposta ficou um pouco distante da pergunta, pois perguntei em relação aos projetos desenvolvidos na escola.

Finalizando perguntei: Como você orienta os professores para trabalhar os processos da leitura na sala de aula?

- Ela orienta os professores, no sentido de criar rodas de leitura, produção de textos com exposição dos trabalhos, confecção de livros, faixas e cartazes. Cada aluno, apresenta o seu tipo de leitura com formas diferentes de ler e interpretar. É importante a coletividade dos professores nas confecções de materiais didáticos. Bacelar e Cunha (2000), nos diz que: “Nas atividades de leitura, o papel do professor será o de favorecer ao aluno oportunidades de interagir com a linguagem escrita, de usa-la de modo significativo tal como faz com a linguagem oral”.

3.7 Análise do estágio

O estágio foi realizado numa turma do 4º ano, que passa por inúmeras dificuldades, principalmente com a falta de material didático, pois a Escola não oferece os recursos suficientes. Buscamos trabalhar a leitura de diversas formas: A leitura oral, silenciosa, dramatizada e coletiva.

Estas foram feitas pelos professores, com o objetivo de saber dos professores como faziam com seus alunos esses tipos de leitura. Nesse sentido, percebemos que os relatos vão de encontro com o que afirma Cagliari. Os alunos desde as primeiras leituras em voz alta, deveriam ser treinadas a fazer uma leitura expressiva.

Trabalhamos muito a oralidade através de músicas e foram bem proveitosa, eles leram em voz alta, depois elencávamos os pontos mais relevantes do texto, conversando com eles exploram as palavras desconhecidas dos textos abordados. Também utilizamos a leitura silenciosa onde todos liam e depois expressavam o que tinha entendido dos textos.

Nos textos apresentados com cartazes para que chamasse a atenção deles; pois trabalhar com cartazes enriquece a aula. Montamos dois cartazes com os portadores sociais de texto e a aula foi muito proveitosa onde todos participavam atentamente pois os rótulos faz parte do seu cotidiano e ficou fácil trabalharmos, os cartazes devem ser renovados pois os alunos gostam de novidades. Após a discussão apresentamos um cartaz com sugestões para trabalhar com rótulos: Produção do mural; Leitura das palavras contidas nos rótulos; produção textual.

Após a leitura de textos solicitamos que os alunos produzissem textos espontâneo, mais percebemos que o comportamento deles foi de grande preocupação, perguntando sobre o que ia falar? Se precisava colocar o título; em seguida cada um leu sua produção. Os textos produzidos diversificavam-se entre narrativas e contos. A partir da leitura discutimos sobre as metodologias de produção textual que utilizavam em sala de aula.

De acordo com Cagliari “a professora deve orientar quanto à forma do que se vai escrever”. As professoras relataram que antes de pedirem a produção textual, fazem com que os alunos conheçam o assunto, e orienta quanto à forma que se vai escrever, explicam como se deve fazer.

Dentre as práticas de leitura, observamos que algumas não vão de encontro com o que Kleiman propõe visto que, para a autora, a leitura deve despertar o desejo e deve ser um momento de prazer e não utilizá-las apenas para desenvolver conteúdos gramaticais ou ortográficos.

A professora do 4º ano comentou que seus alunos são desatentos e inquietos ela prepara a sala de aula com cartazes para chamar a atenção dos alunos, mais eles não demonstram tanto interesse. Faz leituras de poemas mais poucos param para ouvir as histórias até mesmo quando leva um vídeo as crianças não se concentram com as imagens.

Na busca de encontrarmos uma maneira para amenizar as dificuldades encontradas pelos professores da escola Francisco Cícero Sobrinho, no tocante ao processo da leitura optamos apresentar metodologias renovadoras, para sair da mesmice onde o professor ensina e o aluno finge que aprende, precisamos de alunos que questionem, indaguem, duvidem em busca de novos conhecimentos.

Trabalhamos também a expressão corporal na aula de recreação, utilizamos ainda diferentes jogos educativos como jogo de memória, baralho silábico, dominó com palavras e desenhos entre outros o resultado foi bastante positivo as crianças se divertiam e ao mesmo tempo desenvolviam suas habilidades escolares. Chegamos a dedução que é primordial olhar, com um olhar diferenciado pois pode mudar e facilitar o nosso trabalho no processo ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo consubstanciou como um momento de aprofundamento e conhecimento no processo da leitura na Escola Francisco Cícero Sobrinho, junto as professoras dos anos iniciais do ensino Fundamental. Podemos conceituar a leitura como algo intrínseco.

Esse processo não pode restringir apenas a decodificação e decifração dos signos lingüísticos, pois a leitura nos permite criticar, compreender, interpretar e reescrever o que foi lido partindo desta conceituação, buscamos conhecer as concepções reflexões a respeito de leituras dos professores da instituição supracitados.

Este estudo evidenciou ainda mais a necessidade de termos nas escolas públicas professores qualificados preparados para trabalhar dentro da realidade educacional a qual estamos inseridos e dispostos a mudar essa realidade essa realidade se auto-avaliando avaliando sempre fazendo a leitura do mundo para vermos nosso cotidiano com outros olhos.

No decorrer dos estudos focalizamos e concluímos alunos problemas que dificultam o desenvolvimento da leitura: A falta de acesso ao mundo da leitura, por parte dos alunos no seu ambiente familiar; Pouco acompanhamento da família no processo de ensino-aprendizagem das crianças, elas não tem ajuda dos pais nas tarefas escolares; Os pais não participam das reuniões da escola; A maioria das professoras não gostam de ler; a falta de um ambiente com materiais de “cultura escrita” não há formação continuada; mas metodologias tradicionais para trabalhar a leitura.

Durante este estágio foi possível observar criticamente como está sendo trabalhada a leitura. Percebemos ainda a necessidade de refletirmos sobre a nossa formação inicial e de buscarmos a formação inicial e de buscarmos a formação continuada.

Desse modo sabemos que é preciso aprimorar nossos conhecimentos observar onde erramos para procurarmos acertar nesse estágio foi possível renovar conceitos e mudar atitudes.

Consideramos que o resultado foi bastante positivo pois trabalhamos com base em autores que ressalta a leitura como um dos elementos primordiais para o ensino aprendizagem, pois através da leitura procuramos descobrir novos horizontes sempre procurando algo que seja proveitoso, pois quando lemos por prazer a leitura torna-se satisfatória e obtém êxito.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Mirian de Albuquerque. **Leitura e Produção: desvelando e (re) construindo textos/** Mirian de Albuquerque Aquino. João Pessoa: UFPB, 2000.124p.
- BACELAR, Lucidalva Pereira. **Metodologia do Ensino de português.** Fortaleza/ Ce.
- BREVES, Filho José. **Uma leitura infantil na escola.** Fortaleza, Breves palavras, 2004.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüísticas.** 6ª ed. Editora Scipione,1995.
- _____ **Alfabetização & Lingüística.** 6º ed. São Paulo: Scipione, 1995.
- COSTA, Cristiane Marinho de. **“Leitura na formação do cidadão”.** Revista Mundo Jovem – Julho 2000.
- DEMO, Pedro. **Professor do futuro e Reconstrução do Conhecimento.** Petrópolis, RJ. Vozes, 2004.
- FERREIRO, Emilia. TEBEROSKY, Ana (orgs) **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre, Artitmime, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa.** São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- GERALDI, João Wanderley (org). **O texto na sala de aula.** Ática. São Paulo, 2005.
- GRIFFO, Clênia. **Dificuldades de aprendizagem na alfabetização: perspectivas do aprendiz.** In: Dificuldades de aprendizagem na alfabetização. GOMES, Maria de Fátima Cardoso (org). 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- LAJOLO, Maria. **O que é literatura.** São Paulo. Brasiliense, 1982.
- LEMLE, Mirian. **Guia Teórico do Alfabetizador.** 7º ed. São Paulo: Ática, 1993.
- LERNER, Derlia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário.** Artmed. São Paulo, 2002.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** 19º ed. São Paulo. Ed.: Brasiliense, 1994.
- MATOS, Kelma Socorro Lopes. **Pesquisa Educacional: o prazer de conhecer.** Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, UECE, 2001.

NETO, Antônio Gil. **A produção de textos na escola: uma trajetória da palavra.** São Paulo: Loyola, 1992.172.

PARÂMETROS, Curriculares Nacionais: **Língua Portuguesa/** Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental – 3ª ed. Brasília: A secretária, 2001. 114p.

TEBEROSKY, Ana; COLOMBER, Tereza. **Aprender a ler e escrever: uma proposta construtivista.** Porto Alegre, Artitmime, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura.** São Paulo, Contexto, 1988.